

O compromisso e a espiritualidade pastoral no aconselhamento com pessoas em situação de divórcio

Jemima Oliveira Chagas¹

José Jacinto de Ribamar Mendes Filho²

Resumo

O presente artigo visa estudar o aconselhamento em casos de divórcio. Nesse sentido, tendo em vista a postura responsável do pastor, o texto vai tratar da realidade do aconselhamento, dos princípios bíblicos e éticos e da criatividade pastoral. Nisto, a pesquisa vai compreender que, em casos de divórcios, a ação pastoral deve reagir com compromisso e espiritualidade, sempre tendo como principal fundamento os ensinamentos de Jesus, da importância urgente de aconselhar as pessoas em situações de sofrimento.

Palavras-chave: Aconselhamento; Divórcio; Compromisso; Espiritualidade.

Abstract

The purpose of this article is to study counseling in cases of divorce. In this sense, in view of the responsible attitude of the pastor, the text will deal with the reality of counseling, biblical and ethical principles and pastoral creativity. In this, the research will understand that in cases of divorce, pastoral action must react with commitment and spirituality always based on the teachings of Jesus, the urgent importance of advising people in situations of suffering.

Keywords: Counseling; Divorce; Commitment; Spirituality.

¹ Pós-graduanda em Psicologia Pastoral. E-mail: jemima34@gmail.com

² Professor orientador. E-mail: jose.ribamar@faceten.edu.br

Introdução

O aconselhamento cristão sempre foi imprescindível na esfera religiosa. Por toda a bíblia vemos de forma notória que os grandes homens e mulheres de Deus aconselharam aqueles a quem desejam que fossem maduros espiritualmente. Desde uma simples história, ou até mesmo um discurso profundo de cunho teológico, tudo isso fez parte do aconselhamento cristão. Nesse sentido, o aconselhamento de novos convertidos divorciados é pertinente a nossos dias. Tendo em vista que o índice de divórcio no Brasil cresce ano após ano. Essa realidade obriga a igreja evangélica e seus líderes a promoverem ações concretas que vão viabilizar o conforto desse público na congregação. Passando pela importância que o pastor vai dar a essas pessoas, o método de aconselhamento, observando o modelo deixado por Jesus, entendemos que haverá resultados positivos de integração a igreja dos divorciados.

A realidade concreta do divórcio

Vários estudos demonstram que a época de maior risco de separação são os primeiros anos de união de um casal (Stern Peck e Manocherian, 1985; Clarke, 1995). Estas situações fazem parte da vida e do relacionamento de qualquer pessoa. Mas reconhece-se que há situações muito difíceis de serem resolvidas. Duas pessoas não podem se entender quando uma não quer que haja entendimento. É muito difícil de haver um casamento duradouro quando há deslealdade no relacionamento conjugal.

A magia inicial da vida a dois vai se desfazendo com o passar do tempo. Na maioria das vezes, com o relacionamento em rotina, o amor vai se esfriando, a tal ponto, que os defeitos e falhas pessoais, até então desconhecidas, vão surgindo e sendo apontados, ocasionando as surpresas e decepções.³ Quando o romantismo se esgota, os traços da personalidade de cada cônjuge são revelados, e muitos deles, que anteriormente não eram levados em consideração, passam a ser vistos como desagradáveis.

³ MATARAZZO, Maria Helena. *Nós dois: as várias formas de amar*. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 67.

Se mágico ou não, para muitos o casamento é construído sob a liberdade. O exercício da liberdade no casamento deve ser consequência da maturidade emocional de cada um, da autoconfiança e da confiança mútua. “Uma história construída a quatro mãos tende ao sentido da permanência. Todavia, a liberdade de casar convive com o espelho invertido da mesma liberdade, a de não permanecer casado” (FACHIN, 2003, p. 1994-1995)⁴.

A liberdade no contexto conjugal significa que o casal deve ter o direito de exercer suas escolhas profissionais, de manter amizades anteriores, de desenvolver novas amizades, de voltar a estudar e, principalmente, de se desenvolverem como seres humanos, com individualidades e potencialidades próprias. Assim, preserva-se a individualidade de marido e mulher e abre-se o caminho para o casal desenvolver um relacionamento regado na amizade, companheirismo e cooperação entre si.

Teoricamente isto parece um mar de rosas. Mas, na realidade, as evidências mostram o outro lado, o do divórcio. A realidade que se vivencia no casamento nem sempre se dá como foi desejada durante o noivado, principalmente para os casais mais jovens, cheios de sonhos e de planos para o futuro.⁵

A situação fica mais acentuada quando se trata de novos convertidos que passaram por um divórcio ou separação. São pessoas que já vem de um trauma bem delicado que é uma ruptura familiar e sentimental e acabam esperando um apoio bem mais acalorado por parte de suas congregações e que, infelizmente, não acontece em sua maioria.

Diante destas dificuldades, optar pelo divórcio, pode ser uma solução para os problemas da vida conjugal, mas poucos são os casais que levam em consideração os reflexos advindos da decisão tomada, que envolverão não somente o casal, mas também muitos que estejam ao redor deles.⁶ De acordo com Angerami “Ninguém vive a vida isoladamente, pois qualquer experiência pessoal não se realiza de modo exclusivo, mas, de uma forma ou de outra, atingirá aos que estão ao seu redor.”⁷

⁴ FACHIN, Luiz Edson. *Direito de família: elementos críticos à luz do novo Código civil brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2003.

⁵ ESCOBAR, Alceu. *Problemas sociais e políticos contemporâneos*. In: MOURA, Paulo G. M. de, et al. Sociedade e contemporaneidade. Canoas: ULBRA, 2008. p. 197.

⁶ LOPES, Hernanes Dias. *Mensagens selecionadas*. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 162.

⁷ ANGERAMI, Valdemar Augusto (Org). *Psicologia e religião*. São Paulo: Cengage Learning, 2008. p. 162.

“Quarenta anos após a instituição da lei do Divórcio no Brasil, um a cada três casamentos termina em separação no país.”⁸ É o que mostram os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Um balanço feito com dados do instituto entre 1984 e 2016 aponta ainda que o número de dissoluções disparou com o passar dos anos.

Em 1984, elas representavam cerca de 10% do universo de casamentos, com 93.300 divórcios. Essa correlação saltou para 31,4% em 2016 – com 1,1 milhão de matrimônios e 344.000 separações.

Apesar de a Lei do Divórcio vigorar desde 1977, os dados sobre o tema só começaram a ser incluídos nas estatísticas anuais de Registro Civil na década seguinte. Até aquele ano, o desquite era o dispositivo legal, mas não possibilitava uma nova união formal. O levantamento aponta mais de 7 milhões de dissoluções registradas no país entre 1984 e 2016, ou 580 divórcios por dia, ante 29 milhões de matrimônios.

No período, os casamentos subiram 17%. Já os divórcios aumentaram 269%. Na prática, o Brasil passou a contar com três gerações de casais legalmente separados.”

Segundo o próprio IBGE em uma matéria publicada em seu portal referente a uma pesquisa nacional sobre o divórcio no Brasil, o índice está assim:

“Em 2007, a média de duração de um casamento civil poderia ser estimada em 17 anos. Dez anos depois, o tempo médio entre a data do casamento e a data da sentença ou escritura do divórcio caiu para 14 anos, segundo as Estatísticas do Registro Civil 2017, do IBGE.

A pesquisa mostra que entre 2016 e 2017 o número de uniões registradas diminuiu 2,3% e o número de divórcios aumentou 8,3%. A gerente da pesquisa, Klívia Oliveira, mostrou que este é o segundo ano consecutivo com aumento do número de divórcios e diminuição de casamentos. “A proporção é de três casamentos para cada divórcio”, comenta Oliveira.

Essa realidade de um número cada vez mais expressivo de divórcio no Brasil tem alcançado todas as instituições que por sua vez procuram manter os casais unidos. No dia a dia isso é vivido e presenciado em centenas de cidades nos

⁸ REVISTA VEJA. Um a cada três casamentos termina em divórcio no Brasil. *Estadão Conteúdo*. São Paulo: [s.n], 2017. Disponível em: [tps://veja.abril.com.br/brasil/um-a-cada-tres-casamentos-termina-em-divorcio-no-brasil/](https://veja.abril.com.br/brasil/um-a-cada-tres-casamentos-termina-em-divorcio-no-brasil/). Acesso em: 08 de agosto de 2019.

rincões de nosso país. Tem alcançado pobres, ricos, pessoas de todas as classes e posições. Apesar de incentivos, parcerias e ações de instituições como a igreja evangélica, a igreja católica, e várias organizações que defendem a família e o casamento, o Brasil está vivendo uma efervescência alucinada de divórcios, separações e ações judiciais para a guarda dos filhos.

O aconselhamento pastoral com pessoas divorciadas

Aqui voltamos a atenção para o líder da igreja, o pastor da igreja, aquele que precisa ser a pessoa mais interessada no aconselhamento dos novos convertidos. O seu apoio e sua atenção neste assunto vai desencadear a motivação e o preparo adequado a muitos que vão assumir o compromisso de aconselhar um novo membro. Seja este casado, solteiro ou mesmo aqueles em questão, os divorciados. Mas tudo a princípio deve partir do pastor.

Tem se tornado um terrível erro nas igrejas quando pastores tendem a preferenciar as ovelhas. Pastores que por algum motivo deixam de aconselhar determinadas ovelhas. Outros que deixam visivelmente suas preferências por algumas famílias ou indivíduos da comunidade. Neste ponto singular, o pastor precisa e deve ser o mais neutro possível. Sem preferências. Aconselhando, ensinando e promovendo o crescimento espiritual de toda a igreja. O apoio que o pastor dar nesse sentido a todos que desejam exercer o ministério de aconselhamento é essencial.

Em seu livro *De pastor para pastor*, o Dr. Hernandes Dias Lopes fez um oportuno comentário sobre este assunto de o pastor não ter preferências no rebanho. “O pastor deve cuidar de todo o rebanho, e não apenas das ovelhas mais dóceis. Há ovelhas dóceis e indóceis. Há ovelhas que obedecem ao comando do pastor e ovelhas que se rebelam e fogem de debaixo do cajado do pastor. Há ovelhas que escoceiam o pastor e aquelas que são o deleite do pastor. Há um grande perigo de o pastor cuidar apenas das ovelhas amáveis e deixar de lado as outras. A ordem divina é que o pastor deve cuidar de todo o rebanho, e não apenas de parte dele.”

Fica evidente que para atender com mais precisão e atenção os novos convertidos divorciados, o pastor da igreja precisa desenvolver a visão acolhedora de servo e diluir esta visão com seu rebanho. Uma ação bem sucedida nesse

sentido, impreterivelmente necessita do apoio, atenção e esforço do pastor da igreja. Embora os líderes possam desenvolver muito bem esse trabalho o papel do pastor sempre será essencial no sucesso de acomodar e aconselhar os divorciados que chegarão em sua congregação. Sempre que o maior líder da igreja se dispôr a dar uma atenção especial aos programas e iniciativas que visam o aconselhamento de novos crentes nestas condições, haverá bons e duradouros resultados na vida dessas pessoas, na vida da igreja e no próprio ministério pastoral.

Nas situações em que pessoas divorciadas adentram a igreja local, procurando a convivência e também a serem aceitas na comunidade, deve-se o mais depressa possível acomodá-las e começar um sério programa de discipulado e aconselhamento. Neste ponto, o método adequado sempre será aquele que vai promover a espiritualidade e o crescimento espiritual. Cabe ao pastor da igreja fazer uma análise de cada caso e pessoa antes de começar um aconselhamento de ovelhas que vieram de uma separação ou divórcio. Não será apropriado nessas condições que o pastor aplique um discipulado voltado apenas com as doutrinas básicas. Há de se levar em conta o momento delicado que a pessoa está vivendo. Um aconselhamento mais dirigido para as questões emocionais, sentimentais e de superação sempre será mais preciso e terá um efeito bem mais sólido. A sensibilidade de como vai ser tratada cada pessoa fará uma enorme diferença.

Os líderes precisam tratar com sensibilidade a questão do aconselhamento de novos convertidos divorciados pois é um público em especial. Os métodos de aconselhamento que vão fazer a diferença na vida desse pessoal precisa estar alinhado com a realidade do momento em que cada um esteja vivendo. Max Lucado escreveu algo bem interessante sobre isso: "As pessoas podem exaurir você. E há momentos em que tudo o que poderíamos fazer não é suficiente. Quando um cônjuge escolhe partir, não podemos força-lo a permanecer. Quando um cônjuge abusa, não deveríamos permanecer. O melhor dos amores pode não ser correspondido".

Hoje percebemos que há uma variedade de métodos sendo utilizados para terapia de casais. Entretanto, nosso público aqui é os que não são mais casais, e sim pessoas que deixaram seus cônjuges e agora vivem as margens de uma família. São divorciados que em sua maioria necessitam de ajuda e apoio para superar a dor e o sofrimento oriundos da triste realidade de se romper um relacionamento. Cabe a igreja identificar e promover o método mais eficaz que vai lançar mão no sentido de

agregar um público que cada vez mais está crescendo no Brasil e respinga nas igrejas, os divorciados. Hoje encontramos através de livros, internet e programas eclesiais ma variedade de métodos excepcionais que tratam com mais precisão a questão de inclusão dos novos convertidos. Evidentemente que se o método adequado for levado a sério, os resultados serão positivos e visíveis.

A criatividade no aconselhamento de novos convertidos divorciados precisa estar de mãos dadas com o pastor e a igreja. Não será fácil olhar nos olhos de uma pessoa que acabou de se separar e dizer que tudo vai passar, que é só um momento de tristeza e decepção. Também, será muito superficial afirmar para alguém que está vivendo um divórcio que Jesus o ama e o perdoa, sem tratar com mais profundidade a dor, o desespero e a tristeza que uma separação causa. Nesse sentido, as possibilidades de um bom aconselhamento é imprescindível.

Vamos imaginar as ações que podem deixar o aconselhamento nestes casos bem mais abrangente e apropriado. Uma classe especial de aconselhamento voltada tão somente para divorciados e separados é muito importante. Um grupo restrito de Whatsapp também vai estreitar a comunicação entre os que estão vivendo o drama do divórcio. Um evento dirigido unicamente para pessoas divorciadas onde a palestra será voltada a este público. Um programa de visita semanal na casa dessas pessoas. Um encontro em um ambiente aberto ao ar livre como uma praça ou um park ajuda na comunhão. Além de a igreja e seu pastor criarem um programa de oração e intercessão mobilizando toda a congregação a intercederem por todos os novos convertidos que estão atravessando uma separação. Além dessas ações, podemos sugerir as programações mais recreativas como um cinema, um almoço, um encontro na pizzeria e até mesmo uma vigília em prol do fortalecimento e superação para todos os que estão no dilema de um divórcio.

Cabe ao pastor da igreja organizar de forma bem criativa e dinâmica essas ações que vão viabilizar a integração positiva e calorosa dos novos convertido divorciados ao seio da igreja. As possibilidades de incluir essas pessoas são muitas. Tudo o que se deve fazer é organizar cada detalhe em prol de que os que estão vivendo um divórcio tenham a oportunidade de se sentirem parte da família cristã. E isso acontece quando tanto o pastor como a igreja oferecem esses programas de inclusão e afeto a essas ovelhas. Há sem dúvida um leque bem variado no diz respeito a criatividade para acomodar de forma eficaz e amorosa o público que vem

de uma luta emocional e sentimental provenientes de uma separação conjugal. A oportunidade é imensa de cada congregação assumir o papel de agente de inclusão aos novos convertidos divorciados.

O compromisso e a espiritualidade pastoral

O compromisso pastoral de aconselhar é princípio bíblico. Deve ser embasado nos ensinamentos de Jesus e nos ensinamentos da Bíblia. “A Pessoa e prática de Jesus é modelo por excelência do ministério da Igreja e do ministério do pastor e da pastora.”⁹

São práticas que se estendem até a comunidade de crentes (2 Coríntios 8,16). São funções genuínas da Igreja como um todo: cuidar, solidarizar-se e amar o outro. É disposição humana inclinada para fazer o bem. Em outras palavras, “Cuidar é mais que um *ato*; é uma *atitude*.”¹⁰

Aí se encontram dois centros estruturantes do cuidar, segundo Rosa-Sathler: “o primeiro focalizado em atitudes e o segundo em ações.”¹¹ A dedicação, desde de buscas por conhecimentos teóricos e práticos, até o enfrentamento das situações reais de separação conjugal. Para isto, a formação bíblica é fundamental para o sucesso do aconselhamento.

Para o profissional capacitado(a), estabelecer um trabalho conjunto, além de ser mais promissor, ajudará a aliviar e aperfeiçoar o trabalho de ambos os lados, tanto do aconselhando quanto de quem aconselha. É extremamente importante saber repartir e compartilhar diferentes formas de cuidado, com diferentes profissionais e com pessoas voluntárias devidamente preparadas. Deve-se desconstruir a ideia de um(a) pastor(a) herói.

“Os provedores do cuidado pastoral devem colocar-se no meio de seu povo ...”.¹² O cuidador e a cuidadora pastoral não precisam esperar pelo grito de socorro para ir ao encontro do outro. Ele ou ela, inseridos no meio da comunidade, dentro de suas possibilidades, será mais fácil se anteciparem sobre o caso.

⁹ ROSA-SATHLER, Ronaldo. *Cuidado Pastoral em Tempos de Insegurança: uma hermenêutica teológico-pastoral*. São Paulo: ASTE, 2004. p. 29.

¹⁰ ROSA-SATHLER, 2004, p. 35.

¹¹ ROSA-SATHLER, 2004, p. 41.

¹² ROSA-SATHLER, 2004, p. 43.

Esta será uma boa oportunidade para pôr em prática o segundo foco central do aconselhamento: a ação. O cuidado pastoral deverá seguir com vida de fé e espiritualidade, conhecer e estabelecer regras de leituras da Bíblia e propor práticas de oração em diversos casos, principalmente em casos de divórcio.

O aconselhamento deve ocorrer em favor da restauração das vidas, não permitindo atitudes aversivas para com os que estão ao seu redor.¹³ No entanto, as igrejas não desempenham um acolhimento eficaz, ou nem mesmo o realizam, contribuindo, assim, com o aumento do preconceito e do estigma que, por sua vez, acrescenta a dor e o sofrimento a quem já se encontrava sofrendo.

Como o divórcio está atrelado ao sofrimento, a igreja deve manter-se na função de auxiliadora, dispor-se a caminhar junto aos envolvidos e às envolvidas nos seus casos, rejeitando toda e qualquer forma de juízo de valor (Carvalho, 2000, p. 75)¹⁴, e dedicando-se a todo tipo de situação.

A fé cristã está pautada nas obras realizadas em demonstração de amor em favor do outro.¹⁵ Se a orientação bíblica é para que os casais permaneçam casados (1 Coríntios 7,10-11), como deveria a igreja atuar para tornar essa realidade mais concreta? Se a fé cristã está alicerçada nas obras de amor, qual o papel da igreja diante daqueles que se divorciaram?

O aconselhamento pastoral não tem a obrigação de fornecer soluções a todos os problemas que adentram nela, porém, não se deve evadir diante da responsabilidade de contribuir na busca da resolução de problemas que causam dor e sofrimento entre as pessoas.¹⁶

Considerações finais

O divórcio tem alcançado um número expressivo de pessoas. Têm alcançado pobres, ricos, pessoas de todas as classes e posições. Apesar de incentivos, parcerias e ações de instituições como a igreja evangélica, a igreja católica, e várias organizações que defendem a família e o casamento, a realidade

¹³ CASTELLANOS, Sérgio Ulloa. *A igreja como comunidade de saúde integral*. In: SANTOS, Hugo. *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo: ASTE. São Leopoldo, RS. CATELA, 2008. p. 102-103.

¹⁴ CARVALHO, Marco Antônio de. *Problemas e desafios do ministério de juventude da igreja cristã evangélica no Distrito Federal*. Brasília: FATEB, 2004.

¹⁵ SEIBERT, Erní Walter. *A igreja hoje: organizada a partir de seus objetivos*. Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 87.

¹⁶ 204 SEIBERT, 2000, p. 87.

está é de conflito entre casais, separações e ações judiciais para a guarda dos(as) filhos(as).

Propõe-se para esta realidade uma organização criativa e dinâmica, *atitudes e ações* que vão viabilizar a integração positiva e calorosa das pessoas divorciadas. Isto diz respeito à criatividade para acomodar de forma eficaz e amorosa a situação que vem de uma luta emocional e sentimental provenientes de uma separação conjugal. A oportunidade é imensa. O cuidado pastoral deve assumir o papel de agente de inclusão aos dos(as) divorciados(as).

Compreende-se que o aconselhamento pastoral não tem a obrigação de fornecer soluções a todos os problemas que adentram nela, porém, não se deve evadir diante da responsabilidade de contribuir na busca da resolução de problemas que causam dor e sofrimento entre as pessoas.

Referências

ANGERAMI, Valdemar Augusto (Org). *Psicologia e religião*. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

CARVALHO, Marco Antônio de. *Problemas e desafios do ministério de juventude da igreja cristã evangélica no Distrito Federal*. Brasília: FATEB, 2004.

CASTELLANOS, Sérgio Ulloa. A igreja como comunidade de saúde integral. In: SANTOS, Hugo. *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral: contribuições a partir da América Latina e do Caribe*. São Paulo: ASTE. São Leopoldo, RS. CATELA, 2008.

ESCOBAR, Alceu. *Problemas sociais e políticos contemporâneos*. In: MOURA, Paulo G. M. de, et al. *Sociedade e contemporaneidade*. Canoas: ULBRA, 2008.

FACHIN, Luiz Edson. *Direito de família: elementos críticos à luz do novo Código civil brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2003.

LOPES, Hernanes Dias. *Mensagens selecionadas*. São Paulo: Hagnos, 2009.

MATARAZZO, Maria Helena. *Nós dois: as várias formas de amar*. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

REVISTA VEJA. Um a cada três casamentos termina em divórcio no Brasil. *Estadão Conteúdo*. São Paulo: [s.n], 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/um-a-cada-tres-casamentos-termina-em-divorcio-no-brasil/>. Acesso em: 08 de agosto de 2019.

ROSA-SATHLER, Ronaldo. *Cuidado Pastoral em Tempos de Insegurança: uma hermenêutica teológico-pastoral*. São Paulo: ASTE, 2004.

SEIBERT, Erní Walter. *A igreja hoje: organizada a partir de seus objetivos*. Porto Alegre: Concórdia, 2000.